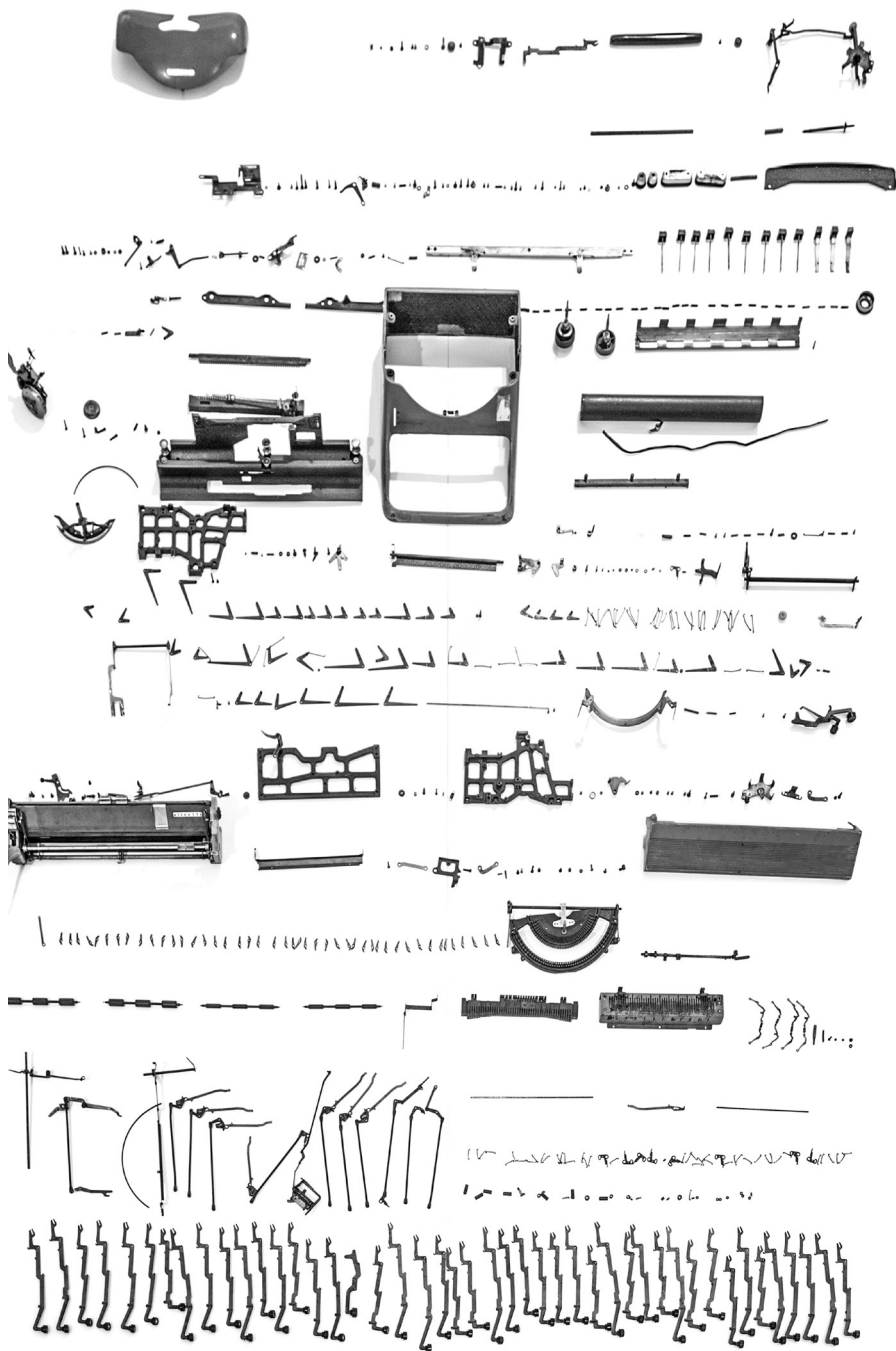
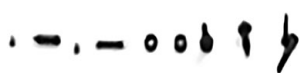
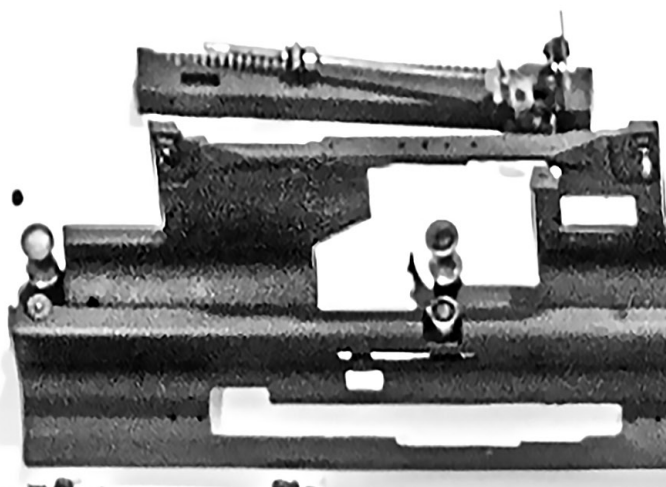






ágalma



COLEÇÃO
PSICANÁLISE DA
CRIANÇA

INÊS CATÃO E JANDYRA KONDERA (ORGS)

NOVAS URGÊNCIAS: INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NOS TEMPOS DA PRESSA

Salvador — BA
2025

© *Ágalma* para a língua portuguesa, 2025
1ª edição: abril, 2025

Editor
Marcus do Rio Teixeira

Diretora da Coleção
Angela Baptista

Organizadoras deste volume
Inês Catão e Jandyra Kondera

Projeto gráfico da capa, páginas iniciais e abertura das seções
Homem de Melo & Troia Design

Revisão
Solange Mendes da Fonsêca

Av. Anita Garibaldi, 1815
Centro Médico Empresarial, Bloco B, sala 401
40170-130 Salvador-Bahia, Brasil
Tels: (71) 3042-5947 (71) 98826-5641

✉ agalma@agalma.com.br 🌐 www.agalma.com.br

📷 [agalmapsicanaliseeditora](#)

Todos os direitos reservados

ágalma

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novas urgências : infância e adolescência
nos tempos da pressa / organização Inês Catão,
Jandyra Kondera. -- 1. ed. -- Salvador, BA :
Ágalma Psicanálise, 2025.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86488-14-2 1.

Administração do tempo 2. Adolescência –
Aspectos psicológicos 3. Adolescência – Conduta de
vida 4. Infância – Aspectos sociais 5. Sociedade
I. Catão, Inês. II. Kondera, Jandyra.

25-261260

CDD-155.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Infância e adolescência : Administração do tempo :
Psicologia 155.5

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Para todos os adolescentes e crianças
Para Lua Cecília
Que possam ter
Tempos de vagar

Inês Catão

Aos analisantes , sempre a tempo de cutucar
o saber de uma época e a movimentar a práxis
psicanalítica

Jandyra Kondera

A Elida Tessler, um agradecimento especial, por
fazer acompanhar este volume com sua arte de
desmontar a máquina.

A obra da referida artista, “Carta ao pai”(2015),
é magnificamente composta de 617 peças de
máquina datilográfica sobre PS branco e 1500
imãs em mesa de ferro. Dimensões 216 X 279 X
80 cm. A imagem da obra é de autoria de *Egon
Kroef*, a quem também agradecemos.



SUMÁRIO

Prefácio

Ecos do sujeito, 09

Inês Catão e Jandyra Kondera

Urgência, pressa e ato

Pressa ou urgência?, 17

Filipe Pereirinha

A urgência do ato psicanalítico: o que se lê, o que se escreve, 21

Angela Baptista

Urgências do Real do sexo

Novas e sutis violências sobre crianças e adolescentes, 29

Silvia Amigo

O CASO Pan: um impasse de nossa época, 53

Jandyra Kondera

O naufrágio do complexo de Édipo: do contemporâneo à estrutura, 70

Ana Cláudia Vieira Vaz, Cristiane Laquintinie Amaral, Maria Cristina Vidal, María José Estevez Acuña, Simone Aziz e Vera Vinheiro

Urgências da voz entre significantes e algoritmos

As telas e a infância silenciada, 89

Claudio Akimoto e Inês Catão

Entre o significativo e o algoritmo no discurso capitalista: é possível para o sujeito sintonizar voz, tempo e ritmo?, 114

Maurício Eugênio Maliska

Adolescer: um saber-fazer com o tempo, 130

Cauana Mestre

Urgências do ódio ao pior

O discurso da estupidez e o ódio na infância e adolescência, 143

Mauro Mendes Dias

Adolescência e suicídio: o mundo digital e a pressa, 153

Carolina Nassau Ribeiro e Andréa Máris Campos Guerra

Clínica de Crianças em situação de guerra, ocupação e conflito armado, 174

Mariana Bassoi Duarte

Urgências dos desafios do nosso tempo

Famílias em sofrimento judicial: Psicanálise e Direito de Família, 201

Eduardo Ponte Brandão

Seria a causa analítica incompatível com as causas urgentes da nossa época?, 219

Michelle Milfont

Posfácio

O oco do mundo, 239

Edson Luiz André de Souza

Prefácio **Ecos do Sujeito**

Inês Catão e Jandyra Kondera

“Com um artigo na mão e uma ideia na cabeça”, a diretora desta Coleção, Angela Baptista, atravessou o Atlântico em 2019. Ela vinha de um trabalho de cartel com colegas do Brasil e de Portugal que durou dois anos (2017-2019)¹, onde trabalharam as *nuances* teóricas entre a urgência e a pressa na clínica psicanalítica. O artigo na mão vinha daí. A ideia na cabeça era abrir o tema para as urgências do nosso tempo e seus efeitos na infância e adolescência nos devastadores tempos da pressa.

A isso se somou o artigo de Filipe Pereirinha, com duas vinhetas clínicas e com amarrações teóricas suficientes, a fim de dar o eixo necessário aos artigos que ora concretizam a mencionada paráfrase de Glauber Rocha.

Urgência e pressa são temas que remetem ao tempo, noção que esteve presente desde o início da psicanálise – seja pela atemporalidade do inconsciente, seja pelo tempo próprio das retificações subjetivas, por exemplo. Por atemporalidade, lembremos Freud: “[...] os processos do sistema *Ics* são atemporais,

¹O livro que ora disponibilizamos iniciou sua história em 2016/2017 com o cartel de que faziam parte Angela Baptista (diretora da Coleção *Psicanálise da Criança* da Editora Agalma), Maria Lúcia Stein, Isabel Jurdant-Lechner, Eltânia André e Filipe Pereirinha (mais um).

isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo.”²

Dos gregos, temos Cronos, que é o deus da linearidade do tempo e, também, da finitude – aquele que tudo devora, tal como Saturno que devora o filho na mitologia romana, e Kairós, que é o deus do instante fugaz, o momento singular e difícil de apanhar. Somos marcados por diferentes tempos, do linear Cronos ao infável Kairós, deles não escapamos e precisamos nos servir. O segundo representa o momento oportuno que não devemos deixar passar para agir.

Em “Sobre a transitoriedade”³, Freud lembra que o valor da transitoriedade é o da escassez do tempo. A vida é uma condição transitória que nos confronta com a efemeridade de tudo que nos cerca. O sentido da vida é que ela acaba o que, embora óbvio, por impossível de aceitar é negado. A urgência de que se trata para o humano é a urgência de vida, indicada desde a montagem pulsional.

O encontro traumático do corpo ao natural com a linguagem, que chega para todos nós como excesso, obriga o humano a um esforço psíquico de organização de um modo, sempre próprio, de lidar com a alteridade, ou seja, com aquilo que, no começo, lhe é exterior. A linguagem, ainda não organizada como sistema, terá que ser incorporada. É da incorporação da linguagem pelo corpo ao natural que se constroem os circuitos pulsionais, cujo elemento definidor (da pulsão) é a pressão (*Drang*).

Desde o começo da vida até seu fim, o humano está às voltas com um trabalho psíquico para dar resposta (satisfação) à urgência da pressão que se origina do exterior, isto é, do encontro com o Outro (campo da linguagem, da alteridade) e do “próprio” corpo. Pois o processo de hominização exige que o humano abandone o organismo em favor de um *corpolingagem* – fonte de prazer e de dor.

Fruir da vida exige um corpo. Um corpo, isso goza. Mas a promessa de um gozo sem limites só é compatível com a morte.

²FREUD, Sigmund. O Inconsciente [1915]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. v.12.

³FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade (1916 [1915]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIV.

“Goze!” é, no entanto, a injunção superegoica que ecoa das receitas de felicidade vendidas nas mídias que, na oferta de uma suposta liberdade, escravizam, tentam apagar os ecos do sujeito. São as urgências do discurso do capitalista imprimindo sua voz e calando a do sujeito com objetos mais-de-gozar.

Quem goza? Como a infância e a adolescência se encontram aí concernidas? Os alarmantes índices de suicídio entre adolescentes, de demandas de redesignação de sexo e impasses na sexuação, *cutting* cada vez mais frequente, silenciamentos da infância nas telas, as diferentes formas de violação dos corpos surgem como sintomas de uma época que nos chegamos como urgências que gritam em sujeitos emudecidos. Diante das urgências que o discurso do capitalista trabalha para imprimir, o sujeito trabalha, com o seu sintoma, para se exprimir.

Uma análise pode, então, servir de lugar para a construção de bordas entre saber e gozo, dando ocasião à voz e à palavra do sujeito na sustentação das perdas, renúncias de gozo necessárias a realizar.

Enquanto a pulsão, por estrutura, pressiona por satisfação (urgência subjetiva), temos também a pressa. A pressa do tempo em que vivemos – os chamados tempos da pressa, é aquela em que ao *instante de ver* segue-se o *momento de concluir*, excluindo-se o *tempo para compreender*. Cabe perguntar: a quem interessa essa exclusão? Neste encurtamento do tempo, o sujeito é levado a precipitar-se em uma decisão. Eis a razão pela qual estão favorecidos certos *acting outs* e mesmo passagens ao ato.

Mas há uma outra dimensão da pressa, que é aquela que implica o uso do tempo na práxis psicanalítica e que leva o sujeito em trabalho a não mais postergar o seu desejo.

É tão fundamental como difícil na práxis psicanalítica o manejo do tempo (Kairós). O analista deve estar disponível para escutar o tempo do sujeito que lhe endereça o discurso. “Ser dócil a esse tempo, e estar a par do sujeito seria o sentido a que se refere

Lacan”, segundo Pereirinha⁴, no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”⁵, pois, no trabalho de uma análise, não se trata de fazer par com o sujeito no sentido de fazer dupla. Pôr-se a par diz respeito, antes, a não se precipitar nem deixar passar o tempo da urgência pulsional do sujeito para intervir, para fazer ali uma escansão.

Uma análise exige tempo. O tempo suficiente para que o sujeito se localize a partir de seu dizer. Isso é particularmente importante hoje na infância – muito ouvida, mas cada vez menos escutada –, assim como na adolescência, que cobra do sujeito, entre outras coisas, dar mostras de sua posição na sexuação. Neste último caso, tomar a fala do adolescente e da criança como certeza (e não como questão) não seria, por parte dos adultos, uma precipitação?

Cabe-nos a tarefa de criar as condições para fazer emergir um sujeito a cada vez, enredado que se encontra nas voltas das demandas contemporâneas, sem a escansão necessária para consultar o que é de seu desejo e levantar a questão: *che vuoi?* Afinal, no deslizamento incessante de objetos e de estímulos que convoca as pulsões em permanente (hiper)atividade, sem bússola, norte ou porto seguro, o que corre solto é o gozo mortífero.

Os tempos da pressa são particularmente cruéis com os mais vulneráveis, cuja captura da atenção pelos *gadgets* é bem-sucedida, silenciando crianças e adolescentes para que seus pais possam triplicar suas jornadas de trabalho, escravizados em nome de uma liberdade ilusória. É a uberização da vida.

Os tempos da pressa em que vivemos não acolhem o tempo de dizer do sujeito, apagam o tempo de compreender das crianças e adolescentes, com as consequências que estamos testemunhando e que os capítulos deste livro nos trazem.

O que pode um psicanalista diante dos desafios de seu tempo? “A urgência que temos que colocar em pauta é aquela

⁴Conversa em Lisboa, em 24 de janeiro de 2025, no café A Brasileira, no Chiado, com Filipe Pereirinha e as duas organizadoras deste volume, a propósito do artigo dele que serviu de eixo a este livro.

⁵LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do “Seminário 11”. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

de desmontar a máquina, não necessariamente para negá-la. O importante é poder entender seu funcionamento, e reconstruir, com as peças desta desmontagem, um outro texto”, diz Edson de Sousa no Posfácio. Para ele, este livro é uma pequena agulha para desativar bombas⁶.

Referências

FREUD, Sigmund. O Inconsciente [1915]. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. v.12.

FREUD, Sigmund. Sobre a transitoriedade (1916 [1915]). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.XIV.

LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do “Seminário 11”. In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

⁶Referência feita por Edson de Sousa em troca de *e-mails* com as organizadoras sobre o livro.